

A VIDA COMO OBRA DE ARTE: A PEDAGOGIA SOCIAL & O CONTEÚDO DE OUTING EM FILMES-DISPARADORES, NA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS¹ JUNTO AOS GUEIS

Hiran Pinel – UFES

hiranpinel@ig.com.br

Márcio Colodete Sobroza – UFES

marciocolo@hotmail.com

Jacyara Silva Paiva – UFES

jacyara@superig.com.br

Resumo: O pedagogo social tem necessidade inventar modos produção ações políticas públicas junto Gueis objetivando “outing”. O autor recorre ao método fenomenológico de pesquisa associado ao metodológico selecionando alguns filmes provocadores. O cinema é uma arte que introduz o sentido defendido de que a vida demanda ser compreendida como obra de arte de intencionada oposição ao estabelecido, frente à fragilidade e fortaleza do viver. É uma ferramenta de sentido com base em uma filosofia e atitude.

Palavras-chave: “Outing”: Currículo Queer; Políticas públicas; Pedagogia Social

CENA 1

A pedagogia social é inventada por profissionais objetivando a formação humano-social, fundamentada na educação existencial-socialista, que ganha sentido quando é desenvolvida com/ para (e dos) movimentos populares, aqueles que autorizam os temas Gueis em suas lutas. Ribeiro (s/d) a assunta como ação crítica.

Uma das tarefas é a de produzir diagnóstico individual, grupal, institucional, comunitária – dentre outros - a partir da descrição e narrativa crítica da realidade, considerada seu tecido subjetivo na objetividade em movimento cartográfico no mundo dialético e complexo.

Evelin (1983), na qual fundamentamos a realidade (...) “*está ai para ser criticada, avaliada, denunciada, mas nunca justificada*” (p. 83) e o sujeito precisa ser escutado. Nossa proposta é escutá-lo a partir do cinema que o motiva a mostra-se no mundo identificando a existência, a prática educacional e a mudança como obra de arte (Pinel, 2005).

Coelho (2008), quanto ao tema “outing” aponta limites educacionais:

Não há como negar que esforços estão sendo feitos (...) na esfera do movimento social organizado, em direção a uma visibilidade outra. (...) seria ingenuidade considerar que esse percurso não encontra dificuldades com outras esferas da sociedade e mesmo dentro de seu próprio escopo.

Defendemos esse saber-fazer nas suas incertezas; na humildade de não apregoar verdades únicas. Ao mesmo tempo postulamos “*a necessidade de uma concepção afirmativa sobre o ato de ensinar*” (Duarte, 1998; p. 1).

A tarefa do pedagogo, a partir de provocações de “*outing’s*” é resistir (e ser sendo alegre); opor-se ao estabelecido - parafraseando Patto (1990); deixando a mostra o quanto a “vida é uma obra de arte”. Nesse sentido, o existir é no mundo, norteado por um pensar-sentir-agir estético-existencial – a vida como uma arte inventada e vivida pelo sujeito – na liberdade no/ do/ com o mundo. A ética dessa vida vem a lume contra a aparência denunciando porque não se fala dela: - Eu sou a falta dela! Sou sendo a ética!

Belo cuidar como moldura na argila – parafraseamos Nietzsche (2007).

CENA 3

Guei (“*gay*”), palavra de origem inglesa: “alegre”; homossexual. Ela antecede ao inglês (Mott, 206): da Península Ibérica; advém de “gaiato” (gai) = “brincalhão, metido a engraçadinho”. Pode ser usado como nomeação de homens-mulheres homossexuais e diversos tipos, mas tais usos têm sido rejeitados por implicar na invisibilidade social e histórica desses sujeitos – não especifica as diferenças e demandas. Guei era pejorativo, mas foi apropriado pelos próprios – fazendo a passagem de um estado (triste; negativo) para outro (alegre; positivo).

Boss (2004) tenta refletir se deve ou não forçar o “outing” de um político português de partido conservador e que é um moralista contra o aborto. Interroga: E se um político de outro partido revolvesse “acusá-lo de homossexualismo”? Não é boa atitude, pois Guei não é doença e, nem crime.

(...) ir-se-ia atacar um péssimo político, que tem tanto por onde se pegar por algo que não é defeito nem qualidade: a sua sexualidade. O apelo à homofobia dos eleitores estaria implícito, *não votem nele, porque ele é gay!* [Isso] além de ser

condenável, seria muito (...) contraproducente. Há anos circula o boato de que ele “é gay” (...) (...) um anúncio público (...) não chocaria nem surpreenderia ninguém. Feito contra a sua vontade seria um excelente pretexto para uma estratégia de auto-vitimização, que poderia passar por frases lapidares do tipo «*todos nós temos o direito à privacidade da nossa vida íntima*», reportando assim (...) a sexualidade para o domínio exclusivo da cama, [isso teria] apoio dos reações homofóbicas que sempre o apoiaram. (...) para [alguns] grupos políticos ou a igreja (...), não há mal algum em ser gay desde que isso não extravase as quatro paredes do quarto (2004; p. 3).

Encontramos aí questões éticas para reprovar ou não o estímulo jornalístico de produzir “outing”. Essa ação é policiamento sexual, muitas vezes baseada em especulações. Mostra as sexualidades e as atitudes privadas desconsiderando as conseqüências. “Outing” para esse estudo não é forçar a saída ou denunciar.

Mas, há algumas normas para esse tipo de “outing” ocorra. Um político que se mostra contra um “tema Guei”; supomos que esse fato lhe diz respeito, afinal é Guei. Então as máscaras demandam ser arrancadas, pois está a causar mal-estar a milhares de pessoas. Trata-se de ajudá-lo a posicionar-se e produzir reflexões numa dimensão maior.

Outro motivo de “outing” é para produzir referências de comportamentos e ou subjetividades para os Gueis. O pedagogo tenta incentivar para que ele seja feito objetivando alguma aceitação. Quando um professor faz sua visibilidade ele passa a ser “certo-modelo” que pode ser positivo, de acordo com os modos como lidará com essa auto-revelação que sempre acontece no mundo.

Isso envolve ética estética desse fenômeno. Ele se mostra em inúmeras dimensões: de efeitos benéficos para a sociedade; maléficos; perturbadores para o revelador (indivíduo) podendo ocorrer perseguição, por ex.

Não estou apenas interessado em abordar o sujeito que deseja manter-se fora ou dentro do armário, ou que não se permite sair dele, devido a diversos leitmotive. E os que nem sabem que precisam entrar? E o interesse viscoso acerca da intimidade dos outros? Somos da outridade! Descrevo sim e também uma entrada em si – de modo intimista.

Mas destaco, acima de tudo, a vitalidade de uma saída desse escuro lugar indo para o mundo: a exposição e a formação de grupos sociais reivindicatórios. O pedagogo social pode ter um papel de vida nesse processo de ensino-aprendizagem.

CENA 4

Há desprazeres também em se fazer “outing” para o seu grupo. Encontramos esse tema no filme “The Boys in the Band” (EUA; 1970; de W Friedkin). Aonde era para ser uma alegre festa de aniversário, torna-se tristeza em um drama pautado pela humilhação; um jogo grupal autodestrutivo. Esse filme ensina e aprendemos que os danos psíquicos ocorrem quando prevalece apenas o “outing-intimista” ou indica a falta que faz uma visibilidade nas decisões de união grupal e soluções políticas e sociais.

É preciso revelar-se e para o grupo, mas antes demandamos entrar no armário para depois dele sair e anunciar ao mundo de modo a construir políticas públicas, organizando-as e reivindicando. A meta é valorizar a força de superar as vicissitudes advindas dos grupos e ou pessoas mais radicais e fundamentalistas de uma data sociedade.

Um amigo meu, diz que o termo correto que eu estou a me referir é “*comming out*”, que significa “*sair de dentro para fora*”; “*encaminhar-se do interior para o exterior*”; entretanto o popular é “outing”. O sujeito – nos seus limites de ser (sendo) no mundo - caminhando nas interioridades de medo dirigindo-se para a audácia de uma outra trajetória – coragem de ser. Trata-se de uma subjetividade, mas que é indissociável da objetividade das ações afirmativas.

O/a personagem Betina Botox (“*Terças Insanas*”; 2005; de G Gianoukas) é supermoderna – bela guardiã da ética que precisa reger o notívago. Exige tolerância e respeito com as diferenças e a diversidade como em “*Morango e Chocolate*” (CUB; 1993; de JCarlos Tabío e TGutiérrez Alea).

Botox vive o preconceito de uma senhora contra ele: - *Sai pra lá bichinha!*

- *Bichinha não! A senhora não me magoa!*” – retruca Betina. *Por acaso eu assumi minha sexualidade neste vagão de metrô? Eu fiz o meu “outing”?*

Fazendo gestos que afetam: - *Quem disse pra senhora que eu sou Guei?!*

Correta, Botox ri de si (e sem rugas é claro!) e conduz sua existência cotidiana nesse estado de alegria. O “só+riso” do delicioso personagem, que encontra eco em várias Betina’s corresponde ao riso e ao risível sócio-historicamente construído acerca dos Gueis que emitem comportamentos-attitudes mais femininos e aparecidos. Tal qual o travesti de “*Tudo Sobre Minha Mãe*” (ESP; 2004; de P Almodóvar) Betina, em determinada cena, descreve o “*alto preço*” de ser Guei e então, misturando “*preços*” metafóricos (valores) com “*preços*” de produtos (economia), ele(a) pontua o “*antique*” de uma famosa marca francesa de óculos que usa: Produto antigo-chique; que se mostra; que tem história – tal qual ela.

Já o travesti Agrado, de Almodóvar, mostra o preço dos silicones instalados no pomo (do rosto), nas bochechas, seios, as depilações a laser etc. “ - *Custa muito caro ser mulher*” – afirma Agrado. Ela se nomeia assim por sempre procurar agradar e ser sempre desagradada. Sua sólida interpretação é para uma platéia extasiada com sua presença e manejo de palco. Ela rouba e ao mesmo tempo salva a estrela da qual se diz “*fãs*” - ela porta em si todos os fãs de Huma Hojo, a estrela objeto desse amor e admiração. Na sua carência e abandono social o Guei encontra nos ícones que inventam a referência; um porto-seguro de ser sendo no mundo nem sempre Guei.

Mostrar-se Guei é “cobrado” dentro do que se nomeia de politicamente correto – mas muito o subverte e ou o amplia. A série televisa “*Will & Grace*” (EUA; 2004; de J Burrows; série 7; episódio 8) vemos, na narrativa, o Guei feminino Jack conhece um belíssimo negro Wayne – másculo - que lhe confessa: “ - *Posso transar com você, mas por favor não conte que sou gay, pois tenho esposa e filhos*”; em contrapartida o outro lhe entrega seu cartão de visitas e diz ao seu modo histriônico de ser: - “*Quando você puder assumir-se, procure-me!*”, a até lá ele preferirá ficar sozinho do que mal acompanhado. Séries televisas podem produzir muitas discussões acerca das vantagens de se produzir um “outing”, vitalizando o desempenho do pedagogo. Estudos de Silva (2007) reconhece a conduta homossexual “passiva”: “(...) *uma atitude revolucionária, uma vez que, contrária a maioria, heterossexual dominante e intolerante, esse ator social vivencia a própria singularidade do desejo homoerótico, diante do olhar público, refletidos de trejeitos ou afeminação*” (p. 1).

O filme-documentário “*Celluloid Closet*” (EUA; 1995; de R Epstein e J Friedman) narra os personagens homossexuais na história do cinema, pontuando as primeiras imagens dos tipos

humanos que foram construídos para serem humorados (de bom e ou de mau gosto), mas sem dúvida pautada na alegria. No que há melhor (ou não) do deboche!

“*Ainda Agarro essa Vizinha*” (BRA; 1974; de P C Rovai) é uma “porno-chanchada” hoje cultuada. Um Guei afiadíssimo diz ao machão que o tenta convencer a tornar-se hetero: “ - *Uma vez flamengo sempre flamengo!*”. O outro se delicia na dor e no prazer de ser e desejar.

Entretanto esse bom humor não se encontra em “*Brokeback Mountain*” (EUA; 2005; A Lee) e seus dois personagens Jack Twist e Ennis Del Mar. É uma longa e sofrida narrativa de abandono psicossocial. No filme predomina mais expressões corporais do que verbalizações.

O escapismo é inevitável, a começar que a história que começa em 1963 e vai até provavelmente 1983 – vinte anos, portanto. Isso significa que nada pode mudar. Foi em um tempo onde fazer o “outing” não existia, apesar de bastante imaginado por alguns; mostra-se o processo de subjetivação em terras de cow-boy. Precisar resgatar aspectos sociais e históricos.

A cena final produz “*insight*” que pode ser interpretada como inventar “outing”.

Cansado, trôpego – Ennis em estado de viuvez – abre o seu guarda-roupa. Ele arruma as duas camisas (dele e do amante) – que antes foi objeto de cheiro-memória. Ele toca na fotografia da montanha (natureza de onde adveio o amor). A camisa compõe as saudades que podem evocar coisas de uma existência medrosa, logo vivida pela metade. Então ele fecha a porta do guarda - metaforicamente entra nele.

A câmara não descreve para que onde foi o viúvo, mas uma nova cena se mostra. Da janela da “*casa*”, que aberta está, aparece a luz do dia iluminando as paisagens verdejantes; novas perspectivas; novas saídas – ainda que há tempo. A cor verde como esperança. Ele parece sair do armário (metafórico “*outing*”), mostrando-se na pele-alma o amor que nasceu da natureza.

Um verde claro, intenso e denso ao mesmo tempo. Viver e navegar são impossíveis, mas isso não impede que exista!



Imagem 1: Da janela... Saída. Há tempo? Fonte:

<http://www.showbiztom.com/>

CENA 5

Assumir-se Guei não é ainda um processo de fácil vivência. Talvez uma assunção de ser sendo no processo-sentido de “entrar no armário” seja até mais fácil, pois aparentemente trata-se de uma vivência mais interiorizada; não implica explicitação social. Mas ainda assim, podemos experienciar que esses processos são indissociados.

O psicólogo Borges (2006) afirma “(...) *que há homossexuais que batalham pela visibilidade e assumem os riscos de se mostrarem abertamente. Mas, infelizmente, essa é ainda a minoria*” (p. 1). Os Gueis contra o “outing” advogam que tal processo causa muito sofrimento; a identidade deles passa a sofrer danos, pois passam a ser nomeados como “apenas” Gueis e não pessoas ou profissionais. É como se ser Guei não fizesse parte dessa identidade sempre em metamorfose (Ciampa, 2001; 2002). Há uma proposta educativa a partir dentro de um “*clima de assertividade*” pautado pela alegria (e sem negar as tristezas):

Penso que por trás dessa dificuldade em se fazer visível, há algumas crenças arraigadas, impostas pela sociedade homofóbica e internalizadas como mecanismos de defesa (solução psíquica para se lidar com o medo e se evitar o sofrimento). Algumas delas: **1ª. *Ser homossexual é uma opção. Tenho todo o direito de viver como quero e não tenho que dar satisfações sobre minha vida sexual a ninguém. Falso.*** Ser homossexual não é uma opção, nem um estilo de vida e muito menos um conjunto de práticas sexuais. É uma orientação afetivo-sexual e que envolve emoções, sentimentos e pensamentos. **2ª. *Não preciso dar bandeira ou constranger os outros com demonstrações de afeto em lugares públicos.*** Será que

heterossexuais, quando dão as mãos, se abraçam ou se beijam em público, estão fazendo um manifesto sobre sua orientação sexual? Acho que não. Por que haveria de ser diferente com os homossexuais? 3^a. ***Homossexuais pintosos envergonham a “classe” e depõem contra nós***. Engraçado. Um heterossexual mal educado, barulhento ou inconveniente é apenas um cara chato. Em hipótese alguma prejudica a imagem dos heterossexuais. Os homossexuais são tão ricos em sua diversidade quanto os heterossexuais. 4^a. ***Se as pessoas descobrirem minha orientação homossexual, vão me julgar incompetente e inapto para a atividade profissional que exerço***. Engano. A maior parte das pessoas pode até não gostar de gays, mas reconhece o valor profissional quando ele existe. Poucos abandonam seu médico de confiança, trocam de advogado ou demitem um administrador competente por causa de sua homossexualidade (as exceções se relacionam normalmente com profissões que implicam em influência sobre crianças e adolescentes). **Conclusão: quanto menos visíveis somos** (como pessoas que amam, trocam afeto, estabelecem vínculos duradouros, são bons filhos, bons pais, bons esposos e cidadãos de bem, profissionais competentes, amigos leais, etc.), **mais estereotipados permanecemos no imaginário social**. Na vida real, todos os heterossexuais certamente conhecem, admiram e [talvez até] provavelmente amam um homossexual. Pena que eles não saibam disso.

Um discurso didático como de Borges, que se identifica uma “*psicopedagogia positiva e ou afirmativa*”. Sua aplicação, entretanto é difícil, devido às tendências de alguns humanos em agarrarem-se às experiências negativas e de tornar-se medrosos e apáticos – mas ainda bem que não sou todos assim que “entregam os pontos”, mostrando-se resilientes.

Uma das possibilidades de se produzir educacionalmente um “outing” – não disponível a Ennis – é, por exemplo, estimular a inserção na nossa vida da “*Parada do Orgulho Gay*”. Esse rico movimento social começou nos Estados Unidos da América e veio ao Brasil:

(...) uma modalidade específica de protesto na qual o festejo soma-se à festa. Ler festa e festejo de forma isolada é pretender divorciar a cultura da política. A parada pode ser considerada uma forma particular de protesto em termos estético-políticos, um outing (demonstração pública da preferência sexual) festivo em que aparece timidamente uma espécie de “mercado militante”. Ela condensa os novos relacionamentos entre os diversos grupos e espaços da diversidade sexual na esfera pública. Organizada por uma comissão, (...) [que transita] entre o empresarial e o político, com apoio mais ou menos manifesto das organizações governamentais e não governamentais e com uma forte presença e manifestação das diversas tribos: todos estão aí, participando da festa, afirmando-se desde o político ou simplesmente divertindo-se, manifestando-se muitas vezes desde a contradição e o paradoxo, mas convocados com esse “contínuo”, que os une ou agrupa como um traço do “diferente” (Instituto de Políticas Públicas, 2006; p. 1).

A presença do professor universitário baiano Jean Willys no popular “*Big Brother*” (TV Globo) também se tornou “*modelo exemplar*” (?), pois logo na sua indicação para sair da reclusão como mais um participante, ele fez seu “outing” ao dizer que estava “*sendo indicado apenas porque é gay*”. Isso foi a ferida narcísea no povo brasileiro que, na representação Social, sempre atuou de modo humorado (de diversos tons dos mais sensíveis aos mais

perversos) junto aos “viados”, as “bichas” etc. Como se nunca ocorreu a ação de exclusão, dentro da ideologia hipócrita neo-liberal do “*todos somos iguais*”.

Fazer “*outing*” é um processo verdadeiramente corajoso. Mas se cotidianamente enfrentamos tantas adversidade e vicissitudes, qual o motivo de não enfrentar mais esse? Todos nós somos capazes de nos conscientizar – dentro dos limites de ser sendo sujeito no mundo - de nossa experiência. A vida quando nos interroga pelo seu sentido respondemos com o crescimento, com o amadurecimento e com a transformação.

Sobre o atendimento diferenciado do Sistema Único de Saúde (SUS), uma das instituições mais trabalhadas, Bittencourt (2006; p. 1), desvela sobre a possível solução que pode estar contida no “*outing*”:

Hoje, é mais fácil ver (...) a mídia sensibilizada com o tema; o acesso à informação aumentou. Mas estamos numa fase em que precisamos consubstanciar as demandas. Precisamos mais do que o simples “*outing*”, esse é um caminho válido, mas não para todas, também nem sempre é necessário. Não pode ser um pressuposto para se ter solidariedade orgânica a qualquer movimento. Ajuda, mas não é tudo. Queremos uma sociedade plural e todas as pessoas que acreditam nisso são bem-vindas. Para consubstanciar as demandas, precisamos agregar esforços, sensibilizar sujeitos nos mais diferentes campos, na academia, no movimento organizado, na sociedade civil como um todo. Precisamos ver a homossexualidade dentro do MST [Movimento dos Sem Terra], nos mais diferentes movimentos, lugares sociais e situações. Aí, vamos conseguir ter mais argumentos para reivindicar um lugar diferente e, ao mesmo tempo, igual na sociedade.

Ora, se o pressuposto do SUS do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, ainda é o de que a mulher é heterossexual, podemos antever que essa abordagem é de exclusão sob a égide da padronização. Imagine a mulher mesma, na sua experiência de ser no cotidiano do mundo do lesbianismo, produzindo “*outing*”! O espelho que lhe dispõe um sistema poderoso como o SUS é dos reflexos heterossexuais e não de sua orientação sexual.

O “*outing*” entre as lésbicas é menos comum e menos noticiado pela mídia e por diversos motivos que não objetivo aqui a descrever as razões ou leitmotive disso. Por isso “*outings*” famosos como os de artistas, desportistas podem tornar visível a causa Guei. Mas a autora envereda pelo ideal e nisso ela tem razão se considerarmos a longa trajetória que perpassará pelos “*outings*” da vida. É claro e evidente que ela deseja viver numa sociedade que se reconheça diversa e produza ações sociais que favoreça a toda essa diversidade expressão legítima de si mesmo no cotidiano do mundo.

Nesse sentido as ações afirmativas não objetivam e nem podem solucionar o problema e, muito menos as demandas dos Gueis, mas no mínimo vão chamar a atenção dos brasileiros e provavelmente minorar (ou complexificar dialeticamente) pelas discussões e sensibilização p – que Jean Willys, por exemplo, serviu, com toda crítica que se possa fazer a um ídolo e a representação social que ele nutre. São indispensáveis outros movimentos de melhoria da sociedade como a diminuição do desemprego, a educabilidade do povo, a distribuição mais justa de renda etc. Na produção e ou invenção de Políticas Sociais Públicas deve-se cuidar para que, ao serem efetuadas e aprovadas elas venham contribuir de modo sistemático para a melhoria do padrão de vida dos brasileiros, e do nosso caso, a dos Gueis.

Exigir de Ennis o “outing” não é justo já que o mesmo viveu em um mundo em ebulição social que cuja fervura não chegou a impregnar-se no seu micro-contexto cotidiano. Se ainda hoje isso é motivo de discussão, imagine naquele momento. Mas ao mesmo tempo podemos descrever casos de gente, que antes dele, se expuseram e sofreram sérias conseqüências pessoais. Eles têm se tornado leitmotive para criar coragem e produzir modos de “outing” nos Gueis vivos. Podemos citar casos como o de Oscar Wilde (1854-1900) preso na Inglaterra, a trabalhos forçados, pelo “amor que não ousas dizer o nome”; Federico García Lorca (1898-1936) assassinado pelo conservadorismo espanhol do Generalíssimo Franco; Madame Satã (1900-1976) artista perseguido pelo espaço-tempo moralista do Brasil. Podemos citar os dois adolescentes Gueis recentemente enforcados no Irã por terem revelado serem o que são, e a provocação do Presidente deste país de que lá não existem Gueis – foram enforcados? Foram impedidos de fazerem “outing”?



Imagem 2: Gueis no Irã; Fonte:
<http://brasilhistoriamyblog.blogspot.com/>

Uma interrogação vital: Como o “outing”, provocado, pode facilitar a construção e invenção de políticas públicas para as demandas dos Gueis?

Diversos e múltiplos recursos didáticos psico-pedagógicos; instrumentais/ dispositivos – indissociados a uma postura e filosofia - como a utilização de Psicodrama, Relacionamentos de Ajuda e do Método Ver-Julgar-Agir etc., geram reflexões, discussões acaloradas e afetivas com Gueis – essa é nossa experiência. Encontros intimistas quase clínicos (de uma “*Clínica dos Deslizamentos*”; *clinâmen*) etc., coisas que, vividas, provocam mudanças de atitudes (subjetividade) e nas expressões das condutas. Assistir a um filme e planejar intervenções antes, durante e após. O conflito e a angústia estão conectadas ao organismo e sua experiência. Nas muitas discussões que propomos debater junto com os educandos, além dos encontros individuais intimistas, onde cada um deles coloca sua existência, em estado de um clima psicológico de confiança marcado pela empatia, aceitação e congruência, há o estado geral da paidéia, um lugar de produção de atitudes políticas.

Ao que parece, os gays deixaram de lado o papel ridículo que culturalmente foram forçados a aceitar e finalmente reivindicam sua cota de legitimidade social, amparados por seu poder de consumo (Naud Jr., 2006; p.1).

Um “outing” pode significar tornar visível e com isso mostrar demandas ou necessidades de uma ou mais pessoas, grupos delas (demandas grupais). A visibilidade traz à lume o “eu

preciso de algo ou alguém ou idéia ou mudanças de hábitos para eu ser sendo feliz” assim como todos que vivemos na diversidade.

CENA 6

Nesse contexto as políticas de ações afirmativas - que se indissocia com as ações afirmativas de foro mais individual – partem dos sujeitos envolvidos (Gueis e ou simpatizantes para com a causa) e produzem novos sentidos e significados-sentidos na medida em que sua luta pela aprovação e a aprovação propriamente dita pela Administração Pública contribui mostrando sua “cara”: o quão é complexa a promoção e inserção dessa parcela da população, mas que vão se mostrando nas possibilidades inventivas da aplicação das leis no cotidiano.

A luta é por institui-se uma política de Estado. E isso provoca a sociedade moral maior, que regula o Estado. Nas agendas do Estado brasileiro as causas dos Gueis dificilmente são prioritárias. Nesse sentido talvez seja adequado que definamos o que é política.

EASTON considera “uma política (policy) uma teia de decisões que alocam valor”. Mais especificamente, JENKINS vê política como um “conjunto de decisões interrelacionadas, concernindo à seleção de metas e aos meios para alcançá-las, dentro de uma situação especificada”. Segundo HECLLO, o conceito de política (policy) não é “auto-evidente”. Ele sugere que “uma política pode ser considerada como um curso de uma ação ou inação (ou “não-ação”), mais do que decisões ou ações específicas”. WILDAVSKY lembra que o termo política é usado para referir-se a um processo de tomada de decisões, mas, também, ao produto desse processo. HAM e HILL analisam as “implicações do fato de que a política envolve antes um curso de ação ou uma teia de decisões que uma decisão”, destacando aspectos como: 1 - “há uma rede de decisões de considerável complexidade; 2 - há uma série de decisões que, tomadas em seu conjunto, encerram mais ou menos o que é a política; 3 - políticas mudam com o passar do tempo e, em consequência, o término de uma política é uma tarefa difícil; 4 - o estudo de políticas deve deter-se, também, no exame de não-decisões”. Os autores colocam, ainda, que o estudo de não-decisões tem adquirido importância crescente nos últimos anos (OEI, 2002; p.3).

Para a OEI (2002) as características do conceito “*política*” são reveladas nos elementos: teia de decisões e ações que implementam valores; instância que, uma vez articulada, vai conformando o contexto no qual uma sucessão de decisões futuras será tomada; algo que envolve uma teia de decisões ou o desenvolvimento de ações no tempo, mais do que uma decisão única localizada no tempo.

Ao mesmo tempo, prossegue a OEI, é vital que compreenda que a palavra política pode ser empregada de muitas maneiras, tais como: campo de atividade ou envolvimento

governamental (social, econômica), embora com limites nem sempre definidos; objetivo ou situação desejada (estabilidade econômica); propósito específico (inflação zero) em geral relacionado a outros de menor ou maior ordem; decisões do governo frente a situações emergenciais; autorização formal (diploma legal), ainda que sem viabilidade de implementação; programa envolvendo leis, organizações, recursos; resultado acerca do que é obtido na realidade e não os propósitos anunciados ou legalmente autorizados); impacto (diferente de resultado esperado); teoria, discurso e ou modelo que busca explicar a relação entre ações e resultados; processo – algo que aparece ao se fazer-pensar-sentir e é nesse transcurso que a política produz “*sentidos-sentidos*”.

As definições e os cuidados que se deve tomar mostram que na Análise de Política (OEI, 2002) há levar em conta que: a) os aspectos e processos políticos que são inerentes ao processo de elaboração de políticas; b) a política envolve uma conglomerado tracejado de decisões e o desenvolvimento de ações (associado ao pensar-sentir) no tempo, e que formam uma espécie de teia (sentido de coletivo) do que uma tomada de decisão isolada e ou fragmentada.

A instituição OEI inventou então um “*decálogo*”. Essa alencação descrita serve para recordar ao analista político de que “*política*” demandam sempre considerar: a distinção entre política e decisão, pois a política é inventada por uma série de interações entre decisões mais ou menos conscientes de diversos atores sociais (e não somente dos tomadores de decisão); a distinção entre política e administração; que política envolve tanto intenções quanto comportamentos; tanto ação como não-ação; que pode determinar impactos não esperados; que os propósitos podem ser definidos *ex post* numa racionalização; que ela é um processo que se estabelece ao longo do tempo; que envolve relações intra-inter organizações; que é estabelecida no âmbito governamental, mas envolve múltiplos atores; que é definida subjetivamente segundo as visões conceituais adotadas.

Nesse sentido, um programa de ações afirmativas, advindas dos movimentos sociais, e que o Estado deve legitimar, tem por base os instrumentos: a) os seus compromissos assumidos junto à comunidade nacional e ou internacional que geralmente ocorre por sua presença em Congressos, Encontros etc. Todo cuidado é pouco, pois em tais encontros as decisões são tomadas e o político sabe o que é politicamente correto e o que deseja quem lhe sustenta no seu posto de dominador. Assim as Conferências Mundiais são os espaços ideais para esses pronunciamentos, mas a luta dos Gueis, através de ações afirmativas (advindas dos

“outing’s”) sempre deverá existir – lutar é algo inacabado, pois os conflitos de forças sempre se presentifica; b) um Programa Nacional significativo e respeitado como o Programa Nacional de Direitos Humanos e que tenha como fundamentos o respeito e a permissão de expressão das diversidades sexuais.

As demandas dos Gueis – as mais diversas – impõem um Estado aberto e comprometido. Quando o Guei deseja ser clinicamente atendido respeitando individualidade ele exigirá não só mudanças numa Secretaria de Saúde, mas de outros órgãos. É importante que haja vida nesse processo dialogal; que revele conjugação de esforços que (pró)curam juntar Estado, sociedade civil, setor empresarial e todos os envolvidos e comprometidos com a justiça social no Brasil.

Um programa de governo que considera as ações afirmativas, ao mesmo tempo, necessita duas ações: 1) estruturar-se para isso, implementando políticas de promoção de respeito e permissão dos modos de ser sendo Guei; 2) adotar estratégias que garantam a produção de conhecimento, informações e subsídios, bem como de condições técnicas, operacionais e financeiras para o desenvolvimento de seus programas; 3) incorporar das questões e causas dos Gueis no âmbito da ação governamental através do estímulo e promoção de políticas de ações afirmativas para toda a população que se sentir abandonada numa ou outra (ou muitas) demandas; 4) abrir-se à divulgação clara e inequívoca dos propósitos das ações afirmativas no Estado seja para segmento Guei e simpatizantes da população como a população em geral; 5) exigir envolvimento dos vários setores da administração pública na implementação de ações afirmativas para os Gueis; 6) tornar os instrumentos nacionais e internacionais de defesa de direitos materialmente operantes para atender às necessidades das pessoas em situação de privação ou em condição de fragilidade social, a fim de que elas possam usufruir dos bens produzidos pela sociedade, e que também se sintam incluídas sob a proteção efetiva e significativa do ordenamento jurídico em vigor.

A luta dos Gueis é árdua exigindo conhecimento dos trâmites legais e a exigência para que as leis se cumpram. Antes de “entrarmos no armário” foi uma vivência confusa e complexa; sair dele enfrentamos os medos.

CENA 7

O “outing” é um movimento de vital importância para a construção e ou invenção de ações afirmativas que podem configurar efetivas políticas públicas. É psico (individual-emocional) e social (de estampagem na sociedade), pois é indispensável que tenhamos uma ação de cuidado nessa passagem de um estado (de fora do armário para dentro dele) para outro (da saída).

A ideologia dominante apregoa o estado de bem estar como se de fato vivêssemos nele, e não em um estado de conflito advindo das inúmeras necessidades das diversidades que estão com comunhão ou não. Nesse contexto temos a compreensão que tudo que é estranho é humilhado. Por isso também surge nosso desejo de não fazer o “outing”, um medo de ser sendo rejeitado.

Vivemos em um estado de coisas onde a diferença é constrangedora e perturba-dor-a. Quando não conseguimos retratá-la, geralmente numa única palavra, como bicha, doente, perverso etc. e quando não conseguimos representá-la como o outro, o menor, o diminuído a tendência do domina-dor é produzir conhecimento objetivando descrevê-la e rotulá-la..

É esse ato-sentido de perturbar do diferente (com a revelação de suas diferenças) é onde se consegue visualizar o nucléolo indispensável para que os cientistas, por exemplo, passem a produzir conhecimentos objetivando homogeneizar e normalizar as diferenças. Ferre (2001) diz que essa “(...) *perturbação que toda presença produz se apazigua tão somente quando tal presença pode incluir-se na ilusão de normalidade que acolhe em seu seio a tranqüilidade do “não passa nada, é normal” ou quando tal presença pode incluir-se em uma globalidade perturbadora, porém ao mesmo tempo culpável de seus próprios efeitos nos demais, isto é, culpável de tal perturbação* (p. 198).

Uma sociedade como a que vive em nossa pele (impregnada nela e na alma e pensamento) teme o processo de estranhar e por isso cria e ou inventa estatutos de controle comportamental como técnicas que tornam os corpos dóceis, remédios que os submetem. Foucault (1999) descreve que o (a)normal é instituído dentro de uma cultura, assim como também denuncia a criação social de instrumentos de controle dos corpos visando docilizá-los, submetê-los, desativar deles o estopim do estranhamento (e da criatividade).

O estranho nesse processo é estudado, descrito, rotulado e tratado objetivando restituí-lo a sociedade “saudável” (?). Esse ser domesticado deve adaptar-se à sociedade maior que legisla a seu favor, e através das leis legitima o que defende como correto, que são os comportamentos dominantes. Essa sociedade produz repulsa ao sexo e ao desejo sexual e suas expressões quando esses fogem da relação heterossexual. Os Gueis produzem inventividades que perturbam a paz e o sossego dos cidadãos pacatos (pacatos cidadãos). Esses seres pacatos são os reflexos de um espelho bem polido que os denominam normais, saudáveis etc.

Apesar da rigidez dessa sociedade, é importante que os Gueis façam seu enfrentamento, mesmo que os mapas insistem em ser inventados demarcando espaços de quem são e de quem não são. Cartografias da proibição do desejo Guei (que é um desejo do cidadão de ser sendo si mesmo no cotidiano do mundo). É preciso descobrir o orgasmo e o prazer do “outing”, de inventar e re-significar esse ato-sentido.

Há um outro movimento perturbador aí. Trata-se do discurso onde se prega a igualdade e desconsidera as diferenças. Tendência forte em homogeneizar todos, colocando-os numa mesma “cumbuca” (a da igualdade), desconsiderando que todos somos diferentes e temos demandas diversas (cabendo essa sociedade diversas respondê-las). O outro discurso é o do ato de tolerar. A tolerância implica em fazermos um exercício de tolerar o diferente de mim. Sai ação resulta em um ato-sentido de pacientemente tolerar o intolerável, e fazê-lo com piedade e compaixão (e não com paixão estar ao lado do outro que sou eu em nós). Tolerar implica em suportar (portar em si uma suposição) e com isso neutralizar os estranhamentos advindos do outro.

Os diversos modos de fazerem “outing’s”, as ações afirmativas e os efeitos disso na construção de políticas públicas para os Gueis evitam – no que puder – a dó e a piedade, e inventa novos modos de experienciar a com-paixão provocativa.

O fato-sentido de que o papel do pedagogo é o de manter “(...) *despierto el dolor y provocar el deseo*”², criando ou inventando daí mesmo um descanso numa outra loucura, um outro tipo de sanidade-insana. Um provoca(dor) de “outing’s”, de ações afirmativas e colaborador na

elaboração de políticas públicas junto e em comum(união) junto aos Gueis ou outro grupo com o qual trabalha – ensina e pesquisa.

O profissional engajado com os Gueis sente que o estranho ou o “(...) *extranjero te permite ser tú mismo haciendo, de tí, un extranjer*”³. O outro autoriza que o sujeito-familiar seja ele-mesmo-um-estranho; inventam-se daí espaços de diferentes de criação.

CENA ABERTA

Dizem que as lágrimas são como torneiras abertas com 'água tratada': Limpam os olhos da gente e com isso passamos a enxergar melhor as coisas da vida e de nossa experiência. Mas... Um dia desses chorei e chorei, e quanto mais eu chorava menos eu enxergava minha vida, parecendo que meus olhos eram tapados com espessas cortinas de águas salgadas - Hiran Pinel, 2005; p. 117.

Eis, pois o embate com as palavras escritas (e faladas), um amor em cheirar roupas, em abrir armários, lamentar pelo perdido e vontade de construir mais relacionamentos significativos no mundo.

O pedagogo precisa valorizar os Gueis que afrontam o modo dominante de ser (sendo) heterossexual. Devemos propor o “outing” de efeitos políticos. No dizer de Silva é demandado questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade, inclusive as verdades cristalizadas na/ pela escola - e fora dela.

Fazer do processo ensino-aprendizagem uma obra de arte, eis a proposta do nosso programa de extensão e pesquisa denominado Laboratório de Psicopedagogia – LABOR-PSI – em um sentido ampliado do que venha ser diagnosticar, avaliar, incluir na exclusão...

NOTAS

¹ Financiamento pela CAPES.

² Texto de Martin Buber.

³ Texto de E. Jabès

REFERENCIAS

BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores**. SP: Arte & Ciência, 1998.

BITTENCOURT, AC. Visivelmente vulneráveis? www.hiranpinel.blogspot.com/

BORGES, K. O estereótipo e a invisibilidade. www.gonline.uol.com.br/

BOSS. O Outing de Paulo Portas. 30/ 08/ 2004. www.renaseveados.weblog.com.pt/

CIAMPA, AdaC. Políticas de identidade e identidades políticas. In: PASSOS, MC & O. (Orgs.) **A psicologia que se interroga**. SP: Edicon, 2002. p. 11-17..

CIAMPA, AdaC. **A Estória do Severino e a História da Severina**. SP: Brasiliense, 2001.

COELHO, JFJ. A visibilidade da experiência transgênero. www.fazendogenero8.ufsc.br/

DUARTE, N. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. www.scielo.br/

EVELÍN, Heliana Baía. **O diagnóstico individual**. SP: Cortez, 1982.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. RJ: Graal, 1999.

GUARESCHI, P et al. Problematizando as práticas psicológicas... In: STREY et al. **Violência, gênero e políticas públicas**. PA: PUCRS, 2004. p. 180-9.

INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. Estudos Queer. 2005 www.pagina12.com.ar/

NIETZSCHE, F. **Miscelânea de opiniões e sentenças**. SP: Escala, 2008.

MOTT, L. A origem da palavra veado ... www.aglt.org.br/ 2006.

NAUD Jr., A. **Ang Lee**. www.hiranpinel.blogspot.com/

OEI - ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBEROAMERICANOS... Metodologia de análise de políticas públicas. SP: UNICAMP, 2002.

PATTO, M HdeS. **A produção do fracasso escolar**. SP: TAQueiroz, 1990.

PINEL, H. **Apenas dois rapazes & uma Educação Social**. DA, 2005.

RAMIREZ, L. A grande... www.terra.com.br/

RIBEIRO, M. Uma educação social faz sentido? www.ufrgs.br/

SARTRE, J-P. **Marxismo e existencialismo**. RJ: TBrasileiro, 1968.

SILVA, VSda. A visibilidade do suposto passivo. **Mal-estar e Subjetividade**. UNIFOR, Vol. VII; n1; mar2007.

SILVA, Aline Ferraz. **Visibilidade gay na escola**. www.hiranpinel.blogspot.com/